



Onair Nunes

## ABAIXO O ÓDIO!

Dois fatos capitais, até aqui, marcaram o mundo neste ano de 2022, com potencial para provocarem, sem nenhum exagero, profundas mudanças no planeta: (a) O ataque russo à Ucrânia, que está esfacelando o país, e (b) o pleito ucraniano de ingresso na União Europeia.

A pergunta: Se os russos não cessarem os ataques, e nada sugere que o farão, e a Ucrânia for admitida na UE, leve o tempo que levar para o cumprimento de todas as formalidades de ingresso, será despropositado raciocinar no sentido de que a segurança global entrará em fase de alerta vermelho, com claras possibilidades de um conflito em escala imprevisível, dado não caber imaginar que a Europa assistirá de braços cruzados a destruição do novo membro do bloco e o massacre de sua população?

Um problema extremamente delicado do ponto de vista diplomático/bélico e de integridade do bloco estará criado, cuja solução passará por todas as alternativas que se puderem constituir, alinhar e explorar. A Rússia, contudo, não parece inclinada a nenhum tipo de solução que não seja o atendimento integral dos seus objetivos, bastante claros e diretos, o que não deixará à Europa e seus aliados outro caminho que não o do choque frontal. Isso, na escalada de força a desenhar-se na projeção dos consequentes, significa guerra, uma guerra longa e dolorosa de destruição maciça e sofrimento sem precedentes, o cumprimento, afinal, da profecia do Armagedom. Será natural que, acuada por uma ampla e bem armada aliança internacional, a Rússia não se limite aos seus armamentos convencionais. E aqui entra a China, com a qual os russos formaram uma parceria de poder destrutivo absoluto. A China será, fora de dúvida, o fiel da balança.

Essa reflexão traz a questão para o Brasil. Em ano eleitoral, desvinculado das questões internacionais e alojado na torre de babel a que a sucessão dos fatos nacionais o conduziu, o país, como todos os demais países do mundo, tem de posicionar-se de modo independente em face da grave situação em vias de criar-se, a qualquer deles não bastando o alinhamento automático à política de qualquer dos países desenvolvidos, em tal quadro inserindo-se a União Europeia, uma vez que cada um deles, na prática e de longa data em preparação para um momento como este, formulará suas políticas e seus planos de ação consoante os seus próprios interesses. O alinhamento automático com essa ou aquela Grande Potência por parte dos países que se mostraram incapazes de cuidar de si mesmos implicará suicídio. Cada uma estará completamente voltada para dentro, para suas defesas, para a proteção de suas populações. E então a pergunta: Que quadros e candidatos temos para conduzir o país nas circunstâncias que se esboçam em tons cinzentos cada vez mais acentuados, com tendência a se enegrecerem à noite fechada dos desesperos e das angústias? E você sabe, amigo, quem terá de respondê-la? Você, os eleitores, todos nós, com votos e atitudes positivas, realistas, equilibradas, não com imaturidade, inconseqüências, descasos e radicalismos.

Você sabe realmente porque o mundo chegou à situação em que se encontra? Porque alhures a violência prevaleceu, a força foi adotada como solução, à verdadeira democracia foram encurtados os espaços, os direitos humanos foram postos de lado, fortalecendo um “governo forte”. Há, no entanto, um momento em que a reação a esse conjunto de fatos negativos surge naturalmente, quase por geração espontânea, com poder igual ou superior àquele que a provocou, movimento de autopreservação, a vocação gregária do bem, da ordem, do respeito à organização social, nem mesmo uma relação de amor ou de amizade, mas, antes de tudo, uma reação de natureza essencialmente prática, um modo de sobrevivência.

Três fragmentos de textos complementam esta reflexão. O primeiro, a seguir, já apareceu mais de uma vez aqui no blog; originariamente publicado em 20 de Setembro de 2015 sob o título Uma Visão Revista, constituiu-se referência nos desdobramentos dos acontecimentos. O segundo, O Decálogo de Governantes e Líderes, há pouco republicado, é peça importante na fixação da figura do condutor de países e nações. O Terceiro é uma peça necessária e fala por si mesma. Esses três fragmentos de texto se somam à compreensão de cada um relativamente às importantes questões postas neste artigo para formar uma visão de mundo acorde as soluções reclamadas. A decisão final é pessoal, a conclusão é sua.



(...)

Os países de grandes Economias não estão acumulando tanto poder para nada.

O problema não é localizado, nem pretérito, os estragos de 2008 ainda batem à porta. Foi um sinalizador. Há riscos de uma idade de trevas provocada por desacertos econômicos globais e seus imprevisíveis desdobramentos? Há, concreta e definitivamente há.

Falando claro e recusando a falaciosa justificativa de que a verdade provocará pânico, a Economia ocidental como um todo já está em estado de pré-insolvência, alguns países já estão tecnicamente insolventes. Independentemente do que possam manifestar as Agências de Risco, e as há com o passivo da eclosão da crise de 2008 — clara e sensação de acentuado sabor político —, os seus títulos já não têm valor cheio; com o passar do tempo deverão ser negociados com forte deságio. Mantendo o exemplo, há dinheiro para adquiri-los, com algum esforço, mas há. Reduz-se a dívida de 1 PIB em um terço — à metade, quem sabe? —, tornando-a administrável; tudo ficará bem em casa, mas, e os outros? Bem, os seus países são problemas deles; um país não tem amigos, tem interesses, lembra-se? Como aconteceu ao fim da segunda guerra, haverá uma consequente perversa: Emergirá da crise global um poder mundial econômico absoluto e muito bem armado que canibalizará naturalmente, de formas diversas, as demais Economias, um poder muito sensível ao mercado, com a experiência de um século e um quarto em domesticá-lo e colocá-lo a seus pés, cheio de encantamento, cativo e feliz, somente três grandes Economias, além delas uma outra, igualmente bem armada, embora nem tão forte economicamente falando, e outras em formação, essa e aquela já não mais em estado incipiente, 4 potências hegemônicas, uma continental, o domínio econômico absoluto direcionado para o domínio político, viés de poder que produzirá dominação cultural, ressentimentos, ataques e ódios, uma torrente de retaliações, todo o resto periferia em um mundo convertido em barril de pólvora com estopins diversos em condições de explodir-lo. Isso não acontece da noite para o dia, é um processo, longo, que pode muito bem já se haver iniciado.

Sinistrose? O mundo estará saudável se analisado sob o prisma econômico/social? Há reais perspectivas de recuperação, quer sob os pressupostos da teoria econômica, quer de acordo com o panorama descortinado? As populações aumentam sem parar, grandes cidades de países fortes em pedaços, populações se evadindo, remanescendo guetos de países, senhores respeitáveis postulando cargos de poder e a construção de muros, concreto, para deixar do lado de fora, de uma vez, e já, quem simplesmente está lutando para sobreviver, a medida em si não assustando por apenas materializar uma tendência, mas a declaração final e expressa de que os outros não importam, absolutamente, o drama dos refugiados na Europa dispensando comentários mais extensos. O clima parece ser de salve-se quem puder, e isso não é bom, nada bom!

As Economias menores precisam preparar seu futuro, fazer o esforço e o sacrifício que houver de ser feito para se associarem, criarem seu próprio sistema de financiamento, como BRICS, porque, no quadro que se desenha, não terão vez, dignidades literalmente à venda em troca de financiamentos, de dinheiro, do que comer. Perscrutemos com cuidado o que temos à frente e tenhamos olhos para ver que o mundo está lidando com gente competente no que faz, um plano de longuíssimo prazo executado com paciência, sem medir sacrifícios, uma linha traçada e seguida com rigor e nenhuma complacência. Como escrevi, quando o macaco desceu da árvore para se fazer humano levou com ele a lei da selva, que o orientou em sua caminhada em direção à civilização, deixando pelo caminho apenas bocados de sua selvageria. A lei da selva está sendo aplicada com frequência, intensidade, fúria e indiferença crescentes.



1. Um governante não pode ser imposto ou resultar de circunstâncias; o líder de um país tem de emergir do estrito consenso da maioria, ou não será líder. A democracia não reconhece capatazes. Dispensa-os.

2. Um governante, um líder, não pode alimentar-se sob qualquer pretexto e de nenhum modo expressar ódio, não pode alimentá-lo, não pode cultivar o revanchismo. Quem é capaz de odiar é capaz de qualquer coisa. A democracia não pode correr esse risco.

3. O governante, o líder, tem de ser a melhor expressão de grandeza pessoal, moral e ética. Jamais empunhará o látigo, nunca demandará quem o empunhe por ele; não é de sua índole impor, distorcer, dissimular, simular afeto, colonizar pessoas. Nem todos têm compromisso com o jogo de cena; na democracia costuma-se discordar, reagir em face de qualquer forma de agressão.

4. O governante, o líder, tem de exercitar o decoro, que lhe deve ser inato e entranhado, e jamais protagonizar desvios — bofetadas morais e éticas nos cidadãos de bem. Os inaptos para o decoro e para a retidão poderão imaginar-se o que quiserem, mas nunca serão de fato líderes.

5. O governante, o líder, na democracia, não pode ser bedel de minorias a proteger malfetores, revelar-se ávido comensal da mesa comum, comportar-se como um flagelo para os humildes e um mecenas para os poderosos.

6. Um governante, um líder, tem de ser livre como as criaturas aladas, desprendidas da planície, desatadas no vento, um timoneiro de mãos firmes na tempestade, um bálsamo na dor, um arrimo para os desassistidos, um intolerante com os canalhas. Não pode ser um governante, um líder, aquele cercado pelos aproveitadores da coisa pública.

7. Um governante, um líder, não pode afrontar quem sofre cataclismos ou padece dos males da natureza com carruagens imperiais e uma coorte de siribites para ostentar poder, um poder tolo e perverso financiado pelas vítimas que finge confortar.

8. Um governante, um líder, não se pode inclinar por vaidades, por espetáculos promocionais de si mesmo, cercar-se dos bajuladores de cada momento, dos oportunistas de sempre, deixar-se seduzir pela riqueza construída nos desvãos do poder.

9. Um governante, um líder, com a simplicidade, a generosidade, a sabedoria dos justos e a força dos inculpáveis navegará tempestades, estenderá a mão aos fracos, ombrear-se-á aos virtuosos e pesará a mão implacável sobre a desonestidade arrogante dos dilapidadores da coisa pública.

10. O governante apenas tornar-se-á um líder quando, no pleno domínio de si próprio, fizer-se um Homem em toda a extensão e conteúdo do termo, um exemplo do que de melhor possa significar ser humano, e não atribuir-se outro Norte que não a lealdade intransigente ao seu país, o respeito à sua gente e a dedicação de toda a sua energia à batalha permanente em prol da justiça.



As ditaduras são destrutivas, anulam as características evolutivas dos seres humanos e promovem sua involução. Nas ditaduras o chefe único pode tudo, ele simplesmente manda, enquanto o seu pequeno grupo de sectários o aplaude e lhe dá sustentação, em troca, é claro, da impunidade e do êxtase do poder. Nelas, os ocupantes dos postos chave e seus apaniguados são fortalecidos na razão inversa da vulneração da sociedade. As ditaduras são regimes de governo para incapazes e fracos, que precisam da força para se manter; é o regime dos vassalozos, que se habituaram à humilhação e beijam chicote com o qual são vergastados. São regimes para medíocres, incapazes de assumir a responsabilidade pelas próprias vidas, colocando-se nas mãos dos ferrabrases que lhe dizem como e o que fazer, que preferem seguir ordens, o que fazem por vocação, que desperdiçam a vida na planura porque as alturas os atordoam. As ditaduras, quaisquer sejam, nas quais o culto à personalidade é um elemento dominante, fortalecem os que as comandam e enfraquecem a cidadania.